

O presidente das mais de 128 mil milhas aéreas

As histórias e aventuras das viagens de FH que, em 13 meses, já percorreu o equivalente a 5 voltas ao redor do mundo

Adriana Vasconcelos e Catia Seabra

• BRASÍLIA e RIO. Quando voltar do México esta semana, Fernando Henrique Cardoso terá superado suas 128.233 milhas áreas — o suficiente para dar cinco voltas ao redor do mundo — só em viagens ao exterior. O presidente, que busca sobretudo novos parceiros comerciais para o Brasil, está tão “quilométrado” (desde que assumiu o cargo foram mais de 205 mil quilômetros em 16 viagens oficiais) que, caso percorresse essa mesma distância na primeira classe de vôos comerciais, já teria direito, pelo sistema de milhagens, a duas viagens a qualquer país da Europa.

O gosto de Fernando Henrique por viagens vem de muito antes de sua chegada à Presidência. Por isso mesmo ele não abre mão de hábitos antigos como o de preparar as próprias malas. Quase sempre na última hora, revelam amigos. A única mudança imposta pelo cargo foi em relação ao tamanho da bagagem. Se antes conseguia levar tudo numa pequena mala, agora não dispensa uma mala maior para que suas roupas não fiquem amarrotadas.

O presidente faz questão de escolher pessoalmente as roupas que leva. No máximo, admite a ajuda de Dalina, camareira do Alvorada que vai acomodando as peças na mala. A agenda pesada das viagens, sobretudo nas internacionais, levou-o a fazer outra concessão: quando não tem tempo, permite que o ajudante-de-ordens ou um roupeiro arrume a bagagem de volta.

A Presidência da República raramente permite que Fernando

Henrique descanse durante os vôos, sejam domésticos ou internacionais. Quase sempre ele aproveita o percurso para despachar com um ministro ou para exercer o papel de articulador político, convidando parlamentares a acompanhá-lo. Nessas ocasiões, dispensa o terno e a gravata. Antes de desembarcar, porém, costuma mudar a camisa.

A fama de pão-duro o persegue também nas viagens. Foram raras as vezes em que alguém flagrou o presidente comprando algum *souvenir*. É verdade que os compromissos oficiais e a perseguição da imprensa dificultam qualquer visita a um shopping. No entanto, nunca foram empecilhos para idas a bons restaurantes ou mesmo escapadas para uma ópera ou uma peça de teatro.

O lado *gourmet* de Fernando Henrique, no entanto, já lhe valeu algumas situações embaraçosas. No último dia de sua viagem à Índia, o presidente teve um almoço com o primeiro-ministro hindu, que, informado sobre a curiosidade do presidente brasileiro acerca de pratos típicos, mandou servir uma refeição com condimentadas iguarias. Um dos pratos levava pimenta demais, mas nem isso esmoreceu o apetite do presidente, que foi sofrer as consequências depois. Ao sair do almoço, ele tinha um compromisso agendado: participar de uma conferência sobre globalização no Centro de Estudos Internacionais da Índia. Mas justamente na hora de fazer seu discurso a pimenta começou a fazer efeito, provocando uma enorme irritação na garganta do presidente. Engasgado, teve sérias dificuldades



des para continuar discursando.

Também na Índia o presidente viveu outra situação insólita. Durante um jantar na sede do Governo, passou quase todo o tempo controlando os passos de um rato que passeava entre os comensais. Como o rato é um animal sagrado para os hindus, jamais é molestado.

Também na Malásia o presidente passou por constrangimentos. Certa noite, dirigindo-se a uma recepção na embaixada, cercado por batedores, acabou, por erro do motorista, indo parar numa casa vizinha à da representação. Entrou com parte da comitiva, sem a menor cerimônia, para o espanto dos donos da casa. Ao

perceber o equívoco, o presidente não perdeu o *fair-play*: identificou-se. Os anfitriões, apesar de mal saberem onde fica o Brasil, convidaram-no para o churrasco que faziam, o que foi gentilmente recusado.

Para quem já comeu até buchada de bode em campanha, uma experiência com um prato típico

chinês não chegou a fazer o presidente torcer o nariz. Foi uma sopa, saboreada com prazer durante sua viagem à China. Ao perguntar depois do que era feito o prato, conhecido pelo sugestivo nome de sopa de ninho de passarinho, ele ouviu com surpresa a receita: regurgitação da ave.

Medo de avião Fernando Henrique nunca teve. Que o diga o Boeing presidencial, apelidado de “Sucatão” por ter mais de 30 anos de uso.

Outro que não dá asas ao medo é o presidente da Fifa, João Havelange. Há 22 anos à frente da federação, ele já supera 25 mil horas de vôo — conforme conta seu assessor Carlos Alberto Pinheiro — e só não conheceu quatro dos 191 países filiados à Fifa por causa de guerras. Só em janeiro, Havelange passou mais de 85 horas dentro de aviões. No fim das contas, isso dá uma média de 300 dos 365 dias do ano fora do Brasil.

O contrário se passa com a senadora petista Benedita da Silva. Se existe uma coisa capaz de fazê-la tremer nas bases — que não as eleitorais — é um avião. Dois dias antes de viagens, ela mal consegue dormir. No ar, só se senta nas poltronas do corredor:

— Só ando de avião por causa do trabalho. Tenho horror.

Benedita recebe de dois a três convites por mês para viagens ao exterior. Em geral, de ONGs. De 1995 para cá visitou nove países. Não raramente a senadora embarca em missões espinhosas, como em junho, quando fiscalizou as eleições na região mais seca do Haiti como observadora da ONU. Foram quatro dias a banana, manga e pouca água. ■